

**Bianca Aparecida Lage Barra**



## **FOTOGRAFIA E CIDADANIA**

**CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA A CONSTRUÇÃO/  
AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE E EXERCÍCIO DA CIDADANIA DE CRIANÇAS E  
ADOLESCENTES**

**Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Belo Horizonte  
Escola de Belas Artes da UFMG  
2015

**Bianca Aparecida Lage Barra**

## **FOTOGRAFIA E CIDADANIA**

### **CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA A CONSTRUÇÃO/ AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE E EXERCÍCIO DA CIDADANIA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

**Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Gabriela Maria Garzon

Belo Horizonte

Escola de Belas Artes da UFMG

2015

Barra, Bianca Aparecida Lage, 1987

Fotografia e Cidadania - Contribuições do Ensino de Artes Visuais para a construção/ afirmação da identidade e exercício da cidadania de crianças e adolescentes: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Bianca Aparecida Lage Barra. – 2015.

57 f.

Orientador(a): Gabriela Maria Garzon

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Garzon, Gabriela Maria. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.



**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Escola de Belas Artes**  
**Programa de Pós-Graduação em Artes**  
**Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia intitulada *Fotografia e Cidadania - Contribuições do Ensino de Artes Visuais para a construção/ afirmação da identidade e exercício da cidadania de crianças e adolescentes*, de autoria de Bianca Aparecida Lage Barra, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof. Ma. Gabriela Maria Garzon – Orientadora

---

Prof. Dr. João Augusto Cristeli de Oliveira – Membro da Banca

---

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha  
Coordenador do CEEAV  
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

*Dedico este trabalho ao meu querido sobrinho Lucas Barra Machado, as várias crianças e adolescentes do IMEPP e do Axé Criança que me inspiraram e inspiram a pensar novos caminhos, e aos meus pais, Maria de Fátima e José Francisco.*

## **AGRADECIMENTOS**

A vida é uma costura, entrelaçamentos de retalhos que com cores, formas e texturas vão formando nossa história. Muitos contribuíram para essa construção, para os passos da minha caminhada. Por isso, agradeço a todos que sempre me motivaram e compartilharam comigo os caminhos até aqui.

Agradeço a Deus por me fortalecer na caminhada e proporcionar uma experiência de fé comunitária e libertadora. Tendo em vista a efetivação de um mundo mais justo e fraterno para todas e todos, sem exclusão.

Aos meus pais, Maria de Fátima e José Francisco, minha primeira escola de vida comunitária, pelo exemplo, carinho e dedicação. Aos meus familiares, em especial ao meu tio Ermiro, e aos meus amigos pela compreensão e paciência neste período.

Ao IMEPP, destaco as profissionais e companheiras de trabalho Karla Chaves e Anna Carolina Fernandes, pela confiança e partilha.

Aos professores e tutoras do curso, especialmente à minha orientadora Gabriela Maria Garzón e a tutora Marcella Furtado Rodrigues, pela gentileza, profissionalismo e incentivo.

E finalmente ao Claudinei, pelo amor, motivação, por estar ao meu lado e acreditar em meus sonhos.

*“Dizer-se comprometido com a libertação  
e não ser capaz de comungar com o  
povo, a quem continua considerando  
absolutamente ignorante, é um doloroso  
equívoco.”*

*Paulo Freire*

## RESUMO

O presente trabalho apresenta uma experiência de ensino/ aprendizagem de artes visuais em ambiente não formal de educação baseada na proposta da Abordagem Triangular e nos apontamentos da Pedagogia do Oprimido. O objetivo da pesquisa foi analisar as contribuições do ensino de fotografia para um desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes em vulnerabilidade social, bem como as contribuições para o exercício da cidadania, a efetivação de direitos e afirmação e/ou construção da identidade. Além disso, o trabalho apresenta a importância de incorporar nas práticas de ensino de artes a leitura visual a fim de promover um desenvolvimento crítico do educando.

Palavras-chave: Artes Visuais. Abordagem Triangular. Cidadania. Fotografia. Identidade.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Trabalhos construídos pelos participantes no 1º Encontro.....	31
Imagem 2 – Participantes fotografando cenário construído pelo grupo .....	33
Imagem 3 – Fotografia produzida por participante usando filtro caseiro como intervenção no cenário construído pelos grupos .....	33
Imagem 4 – Participantes em visita à mostra Foto Fragrante .....	35
Imagem 5 – Participantes em visita à mostra Passagem .....	35
Imagem 6 – Participante interagindo na mostra Passagem .....	36
Imagem 7 – Participante registrando nossa visita à exposição Foto15.....	36
Imagem 8 – Atividade de intervenção em imagens.....	38
Imagem 9 – Participantes no espaço onde foi realizada a oficina.....	38
Imagem 10 – Participantes no último espaço da exposição "O Que Queremos para o Mundo?" .....	39

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
1. A SOCIEDADE DA IMAGEM .....	14
1.1. A Educação para a liberdade .....	17
1.2. As Contribuições da Abordagem Triangular.....	20
2. PRÁTICAS DE FOTOGRAFIA E LEITURA DE IMAGEM EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE APRENDIZAGEM .....	24
2.1. A vivência dos encontros.....	28
3. O ENSINO/ APRENDIZAGEM DE FOTOGRAFIA E LEITURA VISUAL CONTRIBUINDO PARA CONSCIÊNCIA CRÍTICA DE MUNDO .....	40
3.1. Os desafios para o Ensino de Artes Visuais.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	49
REFERÊNCIAS.....	52
ANEXO.....	54

## INTRODUÇÃO

Em meio a um cenário de fragilidades sociais instaladas em nossa sociedade, a educação surge como um dispositivo importante de inclusão social e formação humana. Sendo assim, o processo e a experiência educacional, seja formal ou não, é vista como essencial para que crianças e adolescentes se reconheçam como sujeitos de direitos, deveres e protagonistas de uma transformação social.

A educação, semelhante à sociedade, sofreu várias transformações acompanhando os acontecimentos e desenrolar da história. Na década de 1970, vários movimentos contrários à ditadura militar discordavam das propostas vigentes. Nesse contexto o educador e filósofo brasileiro Paulo Freire propõe *A Pedagogia do Oprimido*, 1974. A educação tradicional, bancária, que vê o processo educacional como um depósito de conhecimentos, reiterava as práticas opressoras e de submissão. Paulo Freire promove um debate intenso acerca do papel fundamental da educação para a libertação do sujeito.

No campo do ensino de artes visuais, a arte educadora Ana Mae Barbosa apresenta, em 1987, sua proposta da Abordagem Triangular. O ensino de artes, que por muito tempo foi considerado espaço e propriedade da elite, passa a dialogar com o contexto do educando. A arte educadora partilha a experiência da abordagem triangular como proposta de diminuir a distância entre educador e educando e enriquecer o processo com o ver, o fazer e o contextualizar. Barbosa ainda alerta para a necessidade da leitura visual e cultural a fim de incitar no educando uma valorização das produções artísticas e culturais nacionais e desenvolver diferentes códigos culturais (BARBOSA, 2005).

Outra percepção é de que a sociedade é extremamente visual e a interpretação das imagens que são expostas para nós todos os dias pode contribuir positivamente para a nossa formação humana e cidadã. Além da socialização, construção e apreensão de conhecimentos, é papel dos espaços de educação formal ou não contribuir para essa formação de crianças e adolescentes, principalmente no campo da conscientização para a cidadania. Investigar práticas de ensino/ aprendizagem de artes visuais que perpassam por esses pontos é essencial para a maior aproximação

entre as realidades do educador e do educando, promoção de autonomia e identidade cultural.

E, também, vivemos em um mundo que a tecnologia está presente no cotidiano da maioria das pessoas. Cada vez mais inseridos em um mundo virtual, além da superexposição de imagens pelos meios de comunicação, esse público também vive nas redes sociais um bombardeio de imagens. A educação também já se apropria de diversas ferramentas para maior cognição e apreensão de conhecimentos por parte dos educandos. Outro dado importante é que muitas tecnologias já estão acessíveis à maioria das pessoas e que as crianças e adolescentes têm uma interação e facilidade enorme de operá-las. Sendo assim, o ensino de artes visuais, especialmente o de fotografia, tem o potencial de despertar o interesse nos alunos, instigando-os a fazer várias reflexões e pontuações pertinentes ao próprio cotidiano. Além de democratizar a apropriação e empoderar um público à margem da maioria das tecnologias disponíveis atualmente.

A fotografia pode contribuir com a possibilidade de construir um olhar crítico sobre as situações de desigualdade e exclusão da sociedade. Podemos observar que na maioria das vezes crianças e adolescentes, pobres e negros, estão protagonizando imagens de violência, drogas e exploração na mídia. A grande mídia aponta um estereótipo. A fotografia pode oferecer outro olhar, mostrar que eles, na maior parte, protagonizam outras realidades de forma positiva. Através da fotografia podem ser vistos, afirmar e ou construir sua identidade por meio de uma ótica não midiática, mas expressiva, autônoma e libertária.

O foco da pesquisa foi o ensino de artes visuais, sobretudo o de fotografia, como um facilitador do exercício da cidadania de crianças e adolescentes e afirmação da identidade, tendo em vista que a arte dialoga com a cultura e transformações da sociedade, além de refletir questões e problemáticas. Sendo assim, investigamos e experimentamos práticas de ensino/aprendizagem de fotografia, em espaço educacional não formal, uma entidade socioassistencial não governamental. O objetivo foi pesquisar, através do desenvolvimento de uma oficina de fotografia, a relação entre a prática e cidadania, através da metodologia da Abordagem Triangular. A proposta aponta contribuições de tal prática artística para esse público em favor da conscientização de direitos, habilidade de leitura visual e identidade.

No primeiro capítulo apresenta uma contextualização da sociedade imagética em que estamos inseridos, além de trazer os dois referenciais de todo o trabalho: Paulo Freire e Ana Mae Barbosa. Já o segundo capítulo trás o desenvolvimento da proposta educacional e a descrição das ações. O terceiro capítulo aponta as observações, pontos positivos e negativos coletados durante o processo e os desafios para que o ensino de artes visuais promova uma leitura crítica de mundo e uma experiência artística para e com os educandos.

## 1- A SOCIEDADE DA IMAGEM

Com o desenvolvimento do capitalismo, e conseqüentemente o da globalização, nossa sociedade inseriu em todas as áreas da esfera humana a tecnologia na tentativa de maior progresso econômico. COVRE (1991, p. 37) considera que no mundo do trabalho, ela alavancou as produções nas indústrias e aumentou a gama de produtos disponíveis aos consumidores, cada vez mais sedentos pelo consumo, mas também aumentou a competitividade entre os trabalhadores que estão sendo substituídos por máquinas modernas e ágeis. Fato interessante é observar que “o trabalhador vende sua força de trabalho em troca de bens que suprem a sua vida”, produz os aparelhos e ele mesmo os compra e consome. COVRE (1991) nos alerta:

O trabalhador, enquanto mercadoria, deve lutar para obter certa equivalência na troca estabelecida com o capitalista e o Estado. É preciso que ele tenha acesso aos bens que contemplam sua vida (habitação, saúde, educação) e que compõe os chamados direitos sociais. Mas, antes, é necessário que os trabalhadores tenham direitos políticos, e que existam mínimas condições democráticas para reivindicar o seu direito de ser cidadão e de, enquanto tal, poder batalhar, por quaisquer de seus direitos. Por outro lado, é preciso que esses trabalhadores possam ser educados sobre a existência desses direitos, vendo dessa forma a ampliação do que há para construir em termos de uma sociedade sempre melhor (COVRE, 1991, p.37).

Essa inserção da tecnologia alcançou as relações dos homens entre si e com o mundo. Como lembra FLUSSER (1985, p. 13 - 14), aparelhos foram sendo criados para satisfazer, como num passe de mágica, necessidades ou desejos. Nos últimos anos, essas invenções do capitalismo se fizeram mais acessíveis a todas as camadas da sociedade.

Um desejo que essa indústria do consumo provocou nas pessoas, foi o de reproduzir imagens, sejam elas para despertar outros desejos, consumo, para ditar estereótipos, padrões de comportamento, entre outros. Nossa sociedade se tornou extremamente visual, uma sociedade da imagem. E a interpretação das imagens

que são expostas para nós todos os dias contribui, positiva ou negativamente, consciente ou inconscientemente, para nossa formação. FLUSSER (1985) acena para o risco das imagens substituir os textos:

O caráter aparentemente não-simbólico, objetivo, das imagens técnicas faz com que seu observador as olhe como se fossem janelas e não imagens. O observador confia nas imagens técnicas tanto quanto confia em seus próprios olhos. Quando critica as imagens técnicas (se é que as critica), não o faz enquanto imagens, mas enquanto visões de mundo. Essa atitude do observador face às imagens técnicas caracteriza a situação atual, onde tais imagens se preparam para eliminar textos. Algo que apresenta consequências altamente perigosas (FLUSSER, 1985, p.10).

Como nos recorda COVRE (1991, p. 30 – 31) os meios de comunicação reforçam esses desejos e estão cada vez mais presentes em nossas vidas, sendo considerados um quarto poder na sociedade. Basta observar o lugar que a televisão, fonte de informação da maioria da população, ocupa em nossa casa. Na maioria das residências tem um cômodo e um móvel em que o equipamento é colocado em destaque e que as pessoas ficam paralisadas diante dela, parecendo serem transportadas para outro mundo.

Para outro mundo também nos transporta a internet. Estamos cada vez mais inseridos em um mundo virtual, e se não bastasse a superexposição de imagens pelos meios de comunicação, as redes sociais nos bombardeiam com imagens e informações a cada minuto. Essas redes nos fazem reféns das imagens, da tecnologia e dos aparelhos. As selfies são prova de que atualmente temos a necessidade de sermos vistos para nos afirmarmos nos grupos e na sociedade, mesmo que essas imagens sejam apenas máscaras. FLUSSER (1985) questiona:

Imagens são mediações entre homem e mundo. O homem 'existe', isto é. O mundo não lhe é acessível imediatamente. Imagens têm o propósito de representar o mundo. Mas, ao fazê-lo, entropõem-se entre o mundo e homem. Seu propósito é serem mapas do mundo, mas passam a ser biombos. O homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função das imagens. Não mais decifra as cenas da imagem como significados

do mundo, mas o próprio mundo vai sendo vivenciado como conjunto de cenas. Tal inversão da função das imagens é idolatria (FLUSSER, 1985, p. 7 – 8).

Nesse contexto, SILVA (2009, p. 1)<sup>1</sup> ressalta que crianças e adolescentes são os mais atingidos, uma vez que estão em processo de formação, construção da identidade, e que nasceram no período em que a sociedade já impunha um novo ritmo, o da informatização das ideias e das imagens. O avanço feroz do sistema capitalista e da tecnologia informatizou e contabilizou até mesmo nossas relações com as outras pessoas. Prova disso o facebook, além de nos proporcionar escolher qual face mostrar aos outros, contabiliza nossas amizades, amigos que muitas vezes nem nos conhecem no mundo real, aproxima os que estão longe e distancia os que estão bem perto de nós.

Surge a necessidade de uma educação para a leitura visual e crítica, a fim de nos desenvolvermos culturalmente e socialmente frente aos desafios impostos na atualidade. Neste sentido, o ensino de artes visuais, com o ganho da observação e percepção, pode contribuir com essa emancipação dos educandos. Para tanto, Ana Mae considera a importância da inserção da leitura visual no currículo escolar:

Em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens (BARBOSA, 2005).<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> [http://www.unicentro.br/redemc/2009/03%20midia\\_cidada\\_paper\\_kalink.pdf](http://www.unicentro.br/redemc/2009/03%20midia_cidada_paper_kalink.pdf). Acesso em 15 de jun. de 2015.

<sup>2</sup> <http://dc.itamaraty.gov.br/imagens-e-textos/revista7-mat5.pdf>. Acesso em 3 de jun. de 2015.



Essa leitura visual implica a compreensão das imagens presentes em nosso cotidiano fortalecendo nosso exercício da cidadania e a construção e /ou afirmação de nossa identidade. Podemos dizer que o texto perde força e que os educadores e o ensino de artes visuais precisam contribuir para diminuir o analfabetismo visual, que gera dominação e exclusão social e cultural.

### 1.1 - A Educação para a liberdade

A educação e a valorização da cultura são fatores importantes num processo de emancipação de países explorados pelo capitalismo e por outras nações economicamente desenvolvidas. Os colonizadores impõem sobre os colonizados uma doutrinação do comportamento e uma padronização dos valores. Uma doutrinação que naturaliza a exploração e não desenvolve outros olhares acerca da realidade. Olhares críticos que poderiam fazer com que os colonizados se rebelassem contra o dominador e mantivessem uma postura de valorização de sua nação, seu povo, sua cultura, enfim de afirmação de sua identidade. No Brasil e em outros países da América do Sul, por exemplo, a cultura norte-americana, europeia e, sobretudo branca se sobrepôs à cultura dos povos indígenas, povo brasileiro nativo e dos negros que foram trazidos de suas terras e escravizados por aqui. BARBOSA fala sobre o papel da valorização da identidade cultural:

Enquanto no Terceiro Mundo falamos sobre a necessidade de busca pela identidade cultural, os países industrializados falam sobre a leitura cultural e ecologia cultural... No Terceiro Mundo, no entanto, a identidade cultural é o interesse central e significa necessidade de ser capaz de reconhecer a si próprio, ou, finalmente, uma necessidade básica de sobrevivência e de construção de sua própria realidade. Os três termos aos quais nos referimos acima convergem em um ponto comum: a noção de diversidade cultural. Sem a flexibilidade para encarar a diversidade cultural existente em qualquer país não é possível tanto uma identificação cultural como uma leitura global ou, ainda, uma cultura ecológica (BARBOSA, 2005).<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Idem 2.

A educação, assim como a sociedade, passou por muitas mudanças com o tempo e acontecimentos históricos. Na efervescência dos movimentos sociais e populares durante as décadas de 1960 e 1970, que questionavam o modelo de sociedade totalitário apresentado pela ditadura militar, o educador e filósofo brasileiro Paulo Freire propõe no livro “A Pedagogia do Oprimido” (2005) uma educação libertadora. A educação bancária, como denominou o educador, contribuía para uma sociedade opressora e não promovia uma consciência humana e social. Dessa forma, Paulo Freire propicia uma discussão mais profunda no papel da educação para o sujeito.

A proposta, elaborada durante seu exílio no Chile, desconstrói o modelo de educação vigente e em contrapartida aponta a possibilidade de uma educação que promova a pessoa a sujeito de direitos e protagonista de sua história. O educador mostra-nos quão contraditória é a relação entre opressores e oprimidos, suas consequências e a importância de superá-la pela educação.

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão do seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos. Por isto, é que o poder dos opressores, quando se pretendem amenizar ante a debilidade dos oprimidos, não apenas quase sempre se expressa em falsa generosidade, como jamais se ultrapassa. Os opressores, falsamente generosos, têm necessidade, para que a sua ‘generosidade’ continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça. A ‘ordem’ social injusta é a fonte geradora, permanente, desta ‘generosidade’ que se nutre da morte, do desalento e da miséria (FREIRE, 2005, p.33).

Chama-nos para a desalienação e conscientização de que outro modelo de sociedade é possível. Sendo assim, a Pedagogia do Oprimido rompe com a superioridade do educador com relação ao educando. É na práxis educando-educador e educador-educando que as pessoas se educam e se libertam.

Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer

em si mesmos, superando, assim, sua 'convivência' com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental é que não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis (FREIRE, 2005, p.58).

A palavra de cada sujeito é carregada de sentido, sentido esse calcado onde estão seus próprios pés. A grande palavra do método Paulo Freire é diálogo. FREIRE (2005, p. 89) afirma que a “dialogicidade é a essência da educação como prática de liberdade” e inclusive intitula um capítulo do livro que apresenta a proposta com esse apontamento. Diálogo mediatizado pelo mundo em comunhão com o outro, assim se dá a pedagogia libertária.

De acordo com COVRE (1991), semelhante é o processo de exercício da cidadania que perpassa a afirmação da identidade de cada sujeito. Ela aponta que a cidadania está relacionada ao surgimento da vida na cidade e que se dá na interação do homem com ela.

Desse modo, penso que a cidadania é o próprio direito à vida no sentido pleno. Trata-se de um direito que precisa ser construído coletivamente, não só em termos do atendimento às necessidades básicas, mas de acesso a todos os níveis de existência, incluindo o mais abrangente, o papel do(s) homens(s) no Universo (COVRE, 1991, p.11).

Essa visão dialógica e enraizada na realidade do educando e também do educador está presente em todo o percurso educativo e contribui na busca do que FREIRE chamou de temas geradores e de uma metodologia que não deposite conhecimento, mas inspire o educando a pensar, conscientemente e politicamente.

A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou de desesperanças que implicam temas significativos,

à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação (FREIRE, 2005, p.97).

A visão dialógica da educação se caracteriza pela colaboração, estimulada pelo diálogo, a união dos oprimidos para a libertação coletiva, a organização que contribui para a unidade das massas populares e a síntese cultural que assimila sem dominação as culturas do povo. Na contramão desse pensamento, o método bancário é marcado pela ausência de diálogo, pela conquista, uma forma de aprisionar o educando, a divisão que mantém a opressão, a manipulação e a invasão cultural que serve à conquista e descaracteriza um povo. Essas características que diferenciam as duas propostas para a educação, a bancária e antidialógica, e a do oprimido, dialógica, são apresentadas nos dois últimos capítulos do livro citado anteriormente (FREIRE, 2005).

Diante do cenário posto, e das possibilidades iluminadas por Paulo Freire, o modelo dialógico e libertário se faz mais adequado, apesar de sabermos não ser o mais usual pelos educadores nos espaços de educação de nosso país.

## 1.2 - As Contribuições da Abordagem Triangular

No campo do ensino de artes visuais, a arte educadora, Ana Mae Barbosa inicia, em 1983 no Festival de Inverno de Campos do Jordão, a sistematização de sua proposta da Abordagem Triangular. O ensino de artes, que por muito tempo foi considerado propriedade da elite, passa a dialogar com o contexto do aluno. Sua proposta também contribuiu para a valorização do ensino de arte e sua importância em espaços formais e não formais de educação.

Em sua obra, “A Imagem no Ensino de Arte” (2014), Ana Mae traz a situação política e conceitual do ensino de artes no Brasil nos anos 1980 e perspectivas para novos tempos, apresenta a importância da imagem no ensino de arte e suas experiências em arte educação. Nela divulga a Abordagem Triangular pela primeira vez. Ana Mae faz questão de deixar claro sua influência para repensar o ensino de arte neste

trabalho e em outras publicações: Paulo Freire e suas propostas pela educação que promova liberdade e autonomia dos que se encontram à margem da sociedade, já apresentado anteriormente.

A proposta compreende o fazer arte, o contextualizar as criações artísticas conscientemente com a realidade cultural e social e o apreciar, que é a leitura crítica e enraizada que se faz do trabalho. A arte educadora aponta que a triangulação não é um processo com sua estrutura fechada, cada professor tem a liberdade de adequar a abordagem a cada contexto, uma vez que este é diverso e deve ser o mediador das ações educativas.

Hoje, a metáfora do triângulo já não corresponde mais à organização ou estrutura metodológica. Parece-nos mais adequado representá-la pela figura do zigue-zague, pois os professores nos têm ensinado o valor da contextualização tanto para o fazer como para o ver. O processo pode tomar diferentes caminhos / CONTEXTO\FAZER\CONTEXTO\VER ou VER\CONTEXTO\FAZER\CONTEXTO\FAZER\CONTEXTO\VER... O fazer arte exige contextualização, a qual é a conscientização do que foi feito, assim como qualquer leitura como processo de significação exige a contextualização para ultrapassar a mera apreensão do objeto (BARBOSA, 2014, p. XXXIII).

BARBOSA (2014) ressalta que a arte é socialmente necessária e não pode ser considerada uma mera disciplina e descartável, como alguns governos já a consideraram, e justifica sua proposta:

Não é possível o desenvolvimento de uma cultura sem o desenvolvimento das suas formas artísticas [...] Se pretendemos uma educação não apenas intelectual, mas principalmente humanizadora, a necessidade da arte é ainda mais crucial para desenvolver a percepção e a imaginação, para captar a realidade circundante e desenvolver a capacidade criadora necessária à modificação desta realidade (BARBOSA, 2014, p.5 - 6).

Muito criticada por sua proposta, a educadora foi acusada de ser direitista e defender a elite. Em outra obra, “A Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais” (2010), BARBOSA relata que foi alvo dessas críticas e expõe o que realmente defende:

Defendo a Cultura Visual e a Arte na escola, ambas contextualizadas socialmente, historicamente e vivencialmente. O pós-modernismo trouxe para as análises da Arte as mesmas propostas de análise crítica usadas para as imagens de outros meios e categorias. É preciso desconfiar dos valores das instituições em geral. Os professores já perderam o medo de questionar as obras expostas em galerias e museus. Não é por estar nos museus que as obras são boas. Interesses múltiplos e diversos levam as obras aos museus, desde a aliança com o mercado até o gosto do diretor (BARBOSA, 2010, p.21).

Nesta obra ela organiza publicações de diversos arte-educadores e pesquisadores da área que apresentam as contribuições que a Abordagem Triangular trouxe para a educação e prática artística, inclusive em organizações não governamentais, como é o caso dessa pesquisa. O artigo “Abordagem Triangular e as Estratégias de um Educador Social”, de Livia Marques Carvalho e Jaqueline Alves Carolino expõem o porquê da adequação da proposta ao público das ONGs:

[...] o público-alvo de ONGs mora em localidades desprovidas de equipamentos e serviços culturais. A maioria, por limitações de ordem econômica, não tem acesso à produção artística e cultural, a não ser as divulgadas pela mídia, e a Abordagem Triangular, por envolver um conjunto de saberes como conhecimentos históricos, sociológicos, antropológicos e artísticos, possibilita aos educandos ter acesso ao saber e à arte, contribuindo para que os aprendizes desenvolvam uma compreensão acerca do mundo e deles próprios (CARVALHO;CAROLINO, 2010, p.355 - 356).

A implementação da Abordagem Triangular nos trabalhos dessas organizações vai ao encontro das diretrizes existentes na maior parte desses espaços de socialização:

[...] ambos partem da premissa de que a educação é um processo realizado no contato do homem com o mundo vivenciado. Ao integrar o fazer, a leitura e a contextualização, a Abordagem Triangular se compromete com a cultura e coloca ao alcance dos educandos um vasto conjunto de saberes como conhecimentos históricos, sociológicos, antropológicos e artísticos. Sua aplicação é, portanto, adequada para as instituições que buscam conjugar educação e consciência política (CARVALHO;CAROLINO, 2010, p.362).

Os apontamentos e direcionamentos de Ana Mae dão suporte para o aprendizado da prática fotográfica e os questionamentos e reflexões que elas sugerem num contexto de superexposição de imagens, estereótipos e valores cada vez mais individualistas. A questão é como estas crianças e adolescentes são expostos? Como querem se ver? As imagens da mídia refletem a realidade? Além de pensar essa exposição, é muito importante ver a fotografia não como um meio, mas como forma de expressão artística e de conhecimento que podem contribuir, desde seu processo até seus desdobramentos finais, para uma educação libertária. Fotografar é estabelecer relações (informação verbal)<sup>4</sup>. Relações entre a pessoa que fotografa e a própria câmera, tecnologia; entre o fotógrafo e o fotografado; relações étnicas raciais; relações de gênero; de empoderamento; protagonismo; entre outras tantas possíveis. A arte de fotografar apoiada na Abordagem Triangular pode contribuir para uma leitura de mundo mais crítica e a partir daí compreender, questionar e transformar os cenários de injustiças de nossa sociedade.

---

<sup>4</sup> Fala do Professor Henrique Teixeira em encontro presencial da disciplina de fotografia no dia 1º de novembro de 2014 por vídeo conferência no polo de Bom Despacho.

## 2. PRÁTICAS DE FOTOGRAFIA E LEITURA DE IMAGEM EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE APRENDIZAGEM

Antes de descrever a proposta que desenvolvi para esta pesquisa, vou apresentar a origem e como se deu o planejamento da oficina de fotografia e cidadania, *Revelando Olhares*.

Em 2012, participei do projeto *Arte em Movimento*, executado pelo Instituto Médico Psico Pedagógico com financiamento da Lei Municipal de Incentivo à Cultura Murilo Mendes. Na oficina *Um Olhar Especial*, desenvolvemos a temática da fotografia com jovens e adolescentes com deficiências intelectuais e transtornos mentais. Além de praticar a arte da fotografia, a oficina tinha como objetivo externar o olhar do deficiente sobre a cidade de Juiz de Fora e propiciar o acesso a exposições de artes visuais e espaços de propagação da cultura e do patrimônio histórico.

Novamente fui convidada para elaborar uma oficina de curta duração que tivesse como prática artística a fotografia. Em contato com as propostas dos pensadores e educadores, Paulo Freire (2005) e Ana Mae Barbosa (2014), o meu interesse em pesquisar práticas que demonstrem que o ensino de artes visuais, sobretudo a fotografia e a leitura de imagens, podem contribuir com o exercício da cidadania e identidade dos educandos e educadores ficou evidente. Sendo assim, a oportunidade veio ao encontro da minha pesquisa para este trabalho.

A oficina *Revelando Olhares* foi um espaço de ensino/aprendizagem de fotografia e discussões acerca das leituras visuais possíveis em nossa sociedade. Além disso, os participantes puderam ter contato com conceitos básicos da fotografia, momentos para praticar a arte e reflexões relacionando os trabalhos com a realidade vivenciada por eles. Todo o processo foi baseado na Abordagem Triangular e as atividades eram desenvolvidas à partir dos temas geradores, como direito, cidadania e identidade. Sobre os temas geradores, BARBOSA nos recorda:

São temas que perpassam todas as oficinas. 'Tema gerador' é uma abordagem inspirada nas concepções de educação de Paulo Freire,



entendido como o assunto que centraliza o processo da educação e sobre o qual acontecem os estudos, pesquisas, análises, discussões e reflexões (BARBOSA, 2010, p. 359).

Os encontros foram planejados por mim, a proponente da atividade, no Instituto Médico Psico Pedagógico, IMEPP, entidade socioassistencial onde trabalho e que atende em seus dois programas crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social, deficiências temporárias e/ou permanentes e transtornos do comportamento, fala e aprendizagem. Além disso, as famílias também são acompanhadas pelo serviço de assistência social da instituição. As crianças e adolescentes inseridos no Programa de Atendimento Educativo e Terapêutico Especializado, para o qual desenvolvi a proposta, são encaminhados da rede de proteção, escolas da rede municipal e estadual, Conselhos de Direito e Tutelares, Vara da Infância e outras instituições.

Essas crianças e adolescentes são atendidos em oficinas socioeducativas com temáticas variadas desenvolvidas por educadores sociais, psicólogas, fonoaudiólogas e psicopedagogas. O ensino/aprendizagem de artes visuais é presente em quase todas as oficinas da instituição, exemplo disso é a *EspeciArte*, voltada para a prática da pintura com releituras de vários artistas, como Romero Britto e Alfredo Volpi. Outra oficina da instituição, a *FloreSER*, trabalha com questões de sustentabilidade e arte. Ambas com temas transversais como cidadania, autoestima, respeito e socialização.

As crianças encaminhadas para a oficina *Revelando Olhares*, são oriundas da Oficina *Ler o Mundo* que tem como objetivo a conscientização para a cidadania, autonomia e desenvolvimento de habilidades e é coordenada por uma psicóloga e uma fonoaudióloga, que também acompanharam as atividades da oficina de fotografia. Essas profissionais contribuíram para melhor compreensão do contexto familiar e social dos participantes da oficina proposta. Todas as atividades são organizadas a partir da realidade dos participantes e das demandas trazidas por eles. Processo semelhante ao descrito por CARVALHO e CAROLINO (2010, p. 359 – 360) citando o trabalho de arte-educação desenvolvido pela Casa Pequeno Davi, em João Pessoa, na Paraíba.

Foram um total de dez crianças que participaram da oficina de fotografia, sendo cinco meninas e cinco meninos entre nove e vinte e um anos. Esses usuários<sup>5</sup> da instituição foram selecionados levando em consideração não a idade cronológica, mas sim o nível de cognição e compreensão, avaliados pela psicóloga que acompanhou a atividade. Todos estão estudando e de acordo com os dados das anamneses<sup>6</sup> disponibilizados pelo serviço social apresentam dificuldades de aprendizagem na escola formal.

Dentre as queixas que fizeram essas crianças e adolescentes serem encaminhados para a instituição, está o transtorno sócio-afetivo pelas inúmeras carências e violações de direitos acumulados nesses anos de vida. Além disso, alguns apresentam distúrbio de comportamento, transtorno cognitivo global, déficit cognitivo, transtorno da fala e alterações comportamentais. É importante destacar que estes usuários já estão sendo atendidos na instituição há alguns anos, por isso, muitas dessas dificuldades apresentadas foram queixas iniciais e que hoje já estão bem controladas ou que já obtiveram alguma melhora significativa. Outro fator relevante é que trazem questões relativas à fase da vida em que estão, tais como questões de relacionamentos e identidade. BARBOSA (2014) afirma que o ensino/aprendizagem de artes pode contribuir para a reversão do quadro incentivando a imaginação e a afirmação da identidade:

É preciso que o adolescente tenha a possibilidade de se apoderar do ser único que ele é, das suas aptidões, sonhos, angústias e indagações; penso que isto ele pode conseguir se puder EXPRESSAR ou construir, de forma significativa, a reflexão sobre seu 'assombrar-se de ser'. É preciso ter espaço e condições que me permitam, se eu tenho quinze anos, confrontar-me com quem eu sou enquanto individualidade, no momento em que eu a descubro como minha. [...] Na nossa sociedade, o adolescente recebe REGRAS e não SIGNIFICAÇÕES. Ele deve aceitá-las para poder se transformar num cidadão bem-sucedido. [...] A arte então cumpriria um importante papel nesse sentido, possibilitando ao indivíduo, através

---

<sup>5</sup> Termo utilizado para se referir ao cidadão que faz uso de um serviço do Sistema Único de Assistência Social, SUAS.

<sup>6</sup> Documentos dos usuários onde é registrado desde a queixa inicial até a liberação do atendido. Como um histórico do usuário.

de sua expressão, confrontar-se com suas crises (BARBOSA, 2014, p. 29 – 31).

Quanto aos núcleos familiares, apenas uma criança não está em sua família de origem, mas foi adotado junto com seus irmãos por outra família. Uma não tem contato com seus pais, mas está sendo cuidada pela avó e tia materna. Três participantes moram com a nova composição familiar da mãe e os outros cinco moram com a mãe, pai e irmãos. Na sua maioria trazem questões familiares como principal conflito. De um modo geral, os familiares são comprometidos com o desenvolvimento das crianças, mas também enfrentam limitações.

Além das descobertas comuns na adolescência, como a sexualidade, trazem dificuldades na afirmação de sua identidade e na socialização decorrentes de *bullying* sofridos no ambiente escolar, baixa autoestima e grande influência do estímulo ao consumo, explorado pelos meios de comunicação, não condizentes com as condições econômicas de suas famílias. Moram em regiões periféricas da cidade onde há ausência de equipamentos públicos de saúde, lazer e arte, como define COVRE (1991, p. 14), são cidadãos excluídos por terem seus direitos sociais negligenciados.

As atividades foram divididas em seis encontros (que serão descritos ainda neste capítulo), semanalmente, com duas horas de duração, realizados do dia doze de agosto a dezesseis de setembro de 2015. Foram utilizados recursos materiais e pedagógicos disponíveis na instituição como câmeras fotográficas, projetor multimídia, notebook, papéis, cola, revistas, vídeos, entre outros, além de celulares com dispositivos de imagens dos próprios participantes.

A escolha pela fotografia como temática da oficina se justifica pelas possíveis contribuições para a construção de um olhar crítico sobre a sociedade. Outro fator que nos levou a definir a temática é o interesse do público por atividades que envolvam tecnologia. Além disso, é uma prática artística que dialoga com o cotidiano das crianças e adolescentes mergulhados em uma sociedade extremamente imagética. BREDARIOLLI (2010) enfatiza a necessidade de alfabetizar para a leitura de imagens:

[...] a necessidade de 'alfabetizar para a leitura de imagem' é reivindicada como um provável caminho para uma 'democratização' como mencionada por Nicolau Sevcenko. A alfabetização defendida por Ana Mae Barbosa – sem acaso, familiar a de Paulo Freire – se realiza pelo exercício de 'leitura' como análise crítica articulada ao contexto. Esse seria o caminho para o exercício e desenvolvimento de um 'olhar ativo' sobre o mundo e para as imagens que o constituem. Nesse sentido o aluno é considerado leitor, intérprete e autor (BREDARIOLLI, 2010, p.35).

O objetivo da proposta foi o de fomentar práticas de ensino/ aprendizagem de fotografia e leitura de imagens do cotidiano visando a compreensão de imagens, a fim de despertar consciência de direitos, cidadania e identidade. Provocar o diálogo com as produções de arte e cultura da cidade ainda não tão acessíveis a todos os cidadãos, seja por desinformação, ausência de educação para a valorização da arte ou falta de acessibilidade dos espaços. BARBOSA (2014) nos alerta:

É preciso que o Estado e os intelectuais assumam a responsabilidade pela nossa cultura, senão correremos o risco de que nossa política cultural continue restrita aos salões e festivais de modelos europeus tradicionais, que beneficiam apenas os iniciados. [...] Precisamos levar a arte, que hoje está circunscrita a um mundo socialmente limitado, a se expandir, tornando-se patrimônio cultural da maioria e elevando o nível de qualidade de vida da população (BARBOSA, 2014, p. 6-7).

Finalmente, outro objetivo da oficina de fotografia e cidadania foi o de promover o protagonismo artístico e positivo dessas crianças e adolescentes, uma vez que muitos que se encontram nessas mesmas condições sócio culturais figuram negativamente nos noticiários.

## 2.1 - A vivência dos encontros

Aqui partiremos para a descrição dos encontros. Para tal, vamos preservar a identidade dos participantes da oficina. Os conteúdos trabalhados foram uma mescla

de conceitos básicos da fotografia, sua história e influência na vida das pessoas, além de leitura de imagens associadas a questões de cidadania e identidade. As atividades e metodologia dos encontros foram embasadas nos apontamentos de um processo educacional que tenha a finalidade de promover a autonomia e protagonismo dos sujeitos, como direciona FREIRE (2005) e BARBOSA (2014).

Tendo em vista que BARBOSA (2014, p. XXVI - XXVII) coloca que “metodologia é construção de cada professor em sala de aula”. Não nos atemos à ordem da triangulação nas atividades, mas sim em envolver o fazer, a contextualização e o apreciar no desenvolvimento das práticas.

Entendendo como FREIRE (2005, p.78) que educandos e educadores se libertam juntos e apreendem mutuamente conhecimentos durante o processo, as atividades foram planejadas por mim a partir das contribuições trazidas pelos participantes e profissionais que acompanharam o desenvolvimento da oficina. Mas o processo de construção do conteúdo e diálogo começou como descreve FREIRE:

Daí que, para esta concepção como prática de liberdade, a sua dialogicidade começa, não quando o educador-educando se encontra com os educando-educadores em uma situação pedagógica, mas antes, quando aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com estes. Esta inquietação em torno do conteúdo e do diálogo é a inquietação em torno do conteúdo programático da educação (FREIRE, 2005, p. 96).

Além de justificativas já apontadas no capítulo anterior, a escolha da Abordagem Triangular se deve ao fato de romper com o tecnicismo, uma aprendizagem estática e sem diálogo com o contexto onde o educando está inserido. No ato coletivo ou individual do fazer contextualizado que gera fruição, uma prática com reflexão, o ensino/ aprendizagem de artes visuais, como reforça BARBOSA (2010, p. 86) se efetiva “*como direito de todos, promove a emancipação e rompe com a ‘cultura do silêncio’*” denunciada por Freire. Assim sendo, a proposta triangular se faz apropriada ao público e aos objetivos esperados com a oficina. A amplitude de ações possibilitadas faz com que o educador-educando tenha liberdade criativa para os caminhos como recorda MACHADO:

A Abordagem Triangular não serve para quem quer um manual, nem tem caráter prescritivo. Requer o espírito livre, a disciplina investigativa e a disposição corajosa para perceber o que se anuncia ao longo dos passos no caminho, o que o mapa não mostra e a bússola não define: as escolhas e a intenção do viajante (MACHADO, 2010, p. 79).

Iniciamos o primeiro encontro apresentando a proposta da oficina e sua duração<sup>7</sup>. Mas era preciso conhecer e ouvir cada integrante para conseguir planejar atividades adequadas ao perfil do grupo e contextualizadas com a realidade vivida por eles. Por isso, todos foram convidados a se apresentar dizendo o nome e a idade. Em seguida começamos uma conversa sobre o que é imagem? O que são fotografias? Quais imagens fazem parte do nosso cotidiano? Os participantes tiveram boa participação e com a junção de tudo que foi falado conseguimos conceituar e perceber o quanto as imagens estão presentes no nosso cotidiano, nos caminhos que fazemos todos os dias.

A partir dessa conversa construímos o eu imagem, o nosso fazer artístico desse encontro. A atividade, individual, consistia na escolha de imagens de revistas, jornais, encartes e outros materiais gráficos que ajudam a traduzir um pouco da nossa identidade. Outro ponto intrínseco a essa prática é a leitura visual, uma vez que nossas escolhas refletem não apenas o gosto estético, mas carregam significados. A proposta era compor um “corpo”, mas não em um formato fechado. No topo, simbolizando nossa cabeça, era necessário colar o que não sai dela, o que mais penso. Já para lembrar o coração, órgão vital, era necessário pensar o que estou sentindo, quais sentimentos trago neste momento. Fazendo menção aos braços, o que eu gosto de fazer, minhas habilidades. E ao final, como os pés nos ajudam a caminhar e seguir em frente, o que eu sonho para o meu futuro, para onde eu caminho. Após a montagem quem se sentiu a vontade apresentou a colagem aos colegas. Todos participaram da apresentação, o nosso momento de fruição.

---

<sup>7</sup> Proposta de trabalho da oficina em anexo.

Imagem 1



Trabalhos construídos pelos participantes no 1º Encontro.  
Fonte: Oficina Revelando Olhares

Para cada encontro foi escolhido um tema relacionado às atividades que seriam desenvolvidas no dia. O primeiro, como visto, foi “Eu Imagem”, o segundo encontro foi nomeado como “Desvendando os mistérios da Caixa Preta”. Nele apresentamos

a história e conceitos básicos da fotografia como luz, sombra, cor, enquadramento, regra dos terços, foco, perspectiva e nitidez.

Iniciamos o encontro exibindo um vídeo sobre a História da fotografia<sup>8</sup>. Em seguida, conversamos brevemente sobre o vídeo e a necessidade do homem de produzir imagens e registros ao longo do tempo. As interrupções eram liberadas e bem vindas a fim de que educandos e educadores mantivessem um diálogo sobre as informações compartilhadas. Mostramos imagens das câmeras para acompanharmos a evolução dos aparelhos no decorrer dos anos. Os participantes puderam experimentar algumas das câmeras que estavam disponíveis, além das imagens, para iniciar contato com o aparelho. Conversamos também sobre os outros dispositivos de captura de imagem que dispomos atualmente, como o próprio celular e o tablet. Exibimos outro vídeo, agora sobre fotografia pinhole<sup>9 10</sup>, com a finalidade de ajudar na compreensão do fenômeno que acontece dentro das câmeras até a revelação das imagens. Além disso, apresentamos conceitos básicos para a arte da fotografia: luz, sombra, cor, enquadramento, regra dos terços, foco, perspectiva, planos, ângulo, flash e nitidez, e disponibilizamos exemplos de fotos para visualizar a boa execução desses conceitos.

Para melhor compreensão dos integrantes da oficina, os conceitos foram comparados ao significado dessas palavras em nossa vida. Por exemplo: o foco. Na vida é preciso saber aonde se quer chegar, é essencial focar em um ponto e caminhar para chegar até ele. Na fotografia também é preciso mirar no ponto principal e deixá-lo focado. Outro exemplo é a perspectiva, fundamental na vida e na fotografia, é preciso olhar para frente, ao longe. Interessante é que essa escolha de comparar os conceitos com a aplicação das palavras na vida, contextualizar, não foi da equipe, mas dos participantes no momento da oficina. Para encerrar, fizeram experimentações com as câmeras.

---

<sup>8</sup> Vídeo História da Fotografia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4cSMG5XAq7c>. Acesso em: 21 de jul. 2015.

<sup>9</sup> Vídeo Câmera Fotográfica Pinhole de Lata. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xt3Cdq0qOns>. Acesso em: 23 de jul. 2015.

<sup>10</sup> Fotografia Pinhole: prática fotográfica com uma câmera caseira confeccionada à partir de uma lata de alumínio.



Imagem 2



Participantes fotografando cenário construído pelo grupo.  
Fonte: Oficina Revelando Olhares

O terceiro encontro foi dedicado à prática dos conceitos partilhados no encontro anterior. Além disso, em grupos, os participantes fizeram exercícios de composição de cenários para fotografar e filtros caseiros nas câmeras para interferir na cor das fotografias.

Imagem 3



Fotografia feita por participante usando filtro caseiro como intervenção no cenário construído pelos grupos.  
Fonte: Oficina Revelando Olhares

Os encontros foram realizados entre agosto e setembro, meses em que Juiz de Fora tradicionalmente comemora o mês da fotografia com uma exposição, este ano intitulada de *Foto15*. Para provocar a leitura visual, incitada em todos os encontros da oficina, os integrantes visitaram os trabalhos da exposição. Antes de partirmos para o local, um espaço público dedicado à arte e cultura da cidade o Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, no centro de Juiz de Fora, conversamos sobre o olhar, a importância de apreciar e fazer uma leitura individual para compreender o que a imagem diz para cada um de nós. A visita foi guiada por um dos organizadores da mostra. Os participantes ficaram livres para fotografar a nossa visita, as imagens que julgassem interessantes e dialogar com as várias exposições do espaço que convidavam para uma maior participação do visitante.

A promoção do acesso das pessoas em vulnerabilidade social, os oprimidos, às diversas manifestações artísticas e a comunicação entre as produções artísticas das classes sociais é de extrema importância como ressalta BARBOSA (2014, p. 25 – 26). Uma vez que é preciso compreender os códigos dominantes da sociedade. Sobre isso BARBOSA nos alerta:

Outro objetivo que estará presente na arte/ educação no Brasil do futuro é a ideia de reforçar a herança artística e estética dos alunos com base em seu meio ambiente. [...] Se não for bem conduzida pode criar guetos culturais e manter grupos amarrados aos códigos de sua própria cultura sem possibilitar a decodificação de outras culturas. Há perigos de se enfatizar a falta de comunicação entre a cultura de classe alta e a popular tornando impossível a compreensão mútua. Para o grupo popular isto é ainda mais perigoso porque eles não terão acesso ao código erudito, que é o código dominante na nossa sociedade (BARBOSA, 2014, p. 25 – 26).

O *Foto15* contava com dezesseis exposições de cerca de duzentos e noventa fotógrafos da cidade, de outras cidades do Brasil e até de outros países. Além de um tributo ao fotojornalista juizforano Beto Carreira, muitas das exposições eram um convite à interatividade dos visitantes. Algumas utilizavam de recursos sonoros tecnológicos para complementação da leitura da imagem, como a *Passagem* de Jéssica Faria, em que o som do local de captura da imagem e uma crônica contribuíam para a apreciação do trabalho. A *Foto Fragrante* disponibilizava aos

visitantes as fragrâncias que inspiraram a fotógrafa Janaína Morais a capturar as imagens. Outra novidade é que o visitante poderia depois de experimentar as quatro fragrâncias produzir uma imagem e enviar para a página da exposição no facebook, de onde a organizadora selecionava outras fotos e ia compondo a exposição. Uma oportunidade do visitante transformar-se em produtor de imagens e ter sua fotografia exposta.

Imagem 4



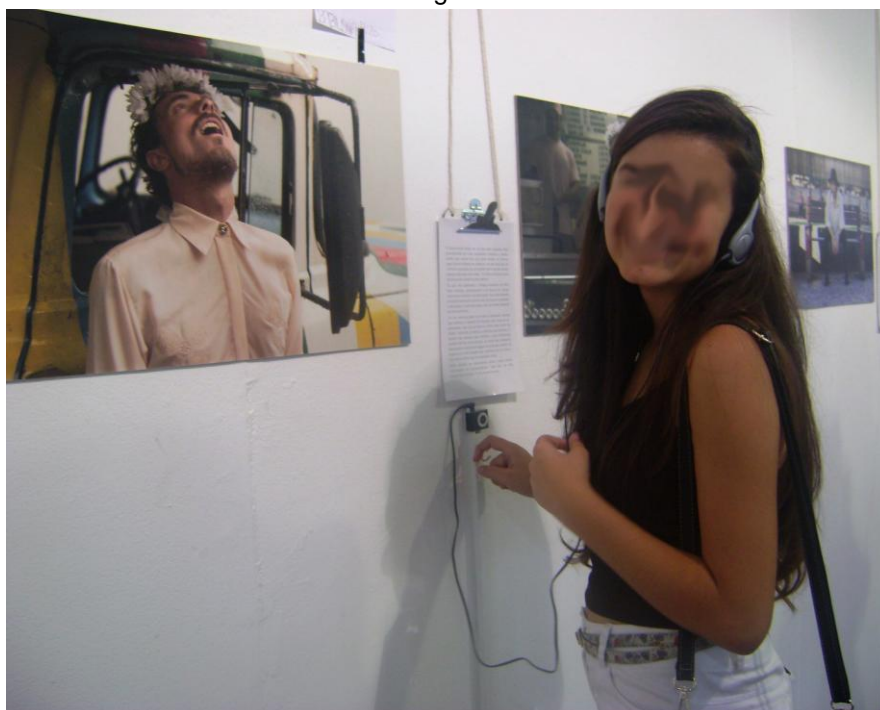
Participantes em visita à mostra Foto Fragrante.  
Fonte: Oficina Revelando Olhares.

Imagem 5



Participantes em visita à mostra Passagem.  
Fonte: Oficina Revelando Olhares.

Imagem 6



Participante interagindo na mostra Passagem.  
Fonte: Oficina Revelando Olhares.

Imagem 7



Participante registrando nossa visita a Foto15.  
Fonte: Oficina Revelando Olhares.

O objetivo da visita, além de praticar um pouco do que partilhamos até o momento e gerar fruição a partir das leituras das imagens expostas, era de promover o acesso dos participantes, crianças e adolescentes em vulnerabilidade social, a um espaço de divulgação da cultura da cidade, gratuito e que não era do conhecimento deles. Essa promoção do acesso à cultura compreende o exercício da cidadania e é um dos direitos fundamentais, como nos aponta o Artigo IV do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Sua relevância para a formação dos cidadãos ainda é reforçada por vir ao encontro das diretrizes para o ensino fundamental contida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p.5)<sup>11</sup> de “valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro”. Além de atender aos objetivos colocados para o ensino de arte:

buscar e saber organizar informações sobre a arte em contato com artistas, documentos, acervos nos espaços da escola e fora dela (livros, revistas, jornais, ilustrações, dispositivos, vídeos, discos, cartazes) e acervos públicos (museus, galerias, centros de cultura, bibliotecas, fonotecas, videotecas, cinematecas), reconhecendo e compreendendo a variedade dos produtos artísticos e concepções estéticas presentes na história das diferentes culturas e etnias (BRASIL, 1997, p. 39).

O quinto encontro, que teve como tema o nome da oficina *Revelando Olhares*, foi dedicado ao olhar e à leitura de imagens. Inicialmente, apreciamos as fotos produzidas por nós durante a visita e nos momentos de prática até aqui. Cada educando foi convidado a falar sobre as fotos, apoiando nos conceitos aprendidos e relembrando um pouco da visita à exposição. Em seguida, partimos para um exercício de interpretar algumas imagens, não só quanto à mensagem, mas as cores, luz, etc. As fotografias foram selecionadas anteriormente pela equipe e mostravam diversas imagens de violações de direitos da criança e do adolescente e imagens positivas, além de famílias com composições variadas, situações presentes no cotidiano de muitas crianças. Questionamentos foram colocados em discussão:

---

<sup>11</sup> Parâmetros Curriculares Nacionais. Disponível em:  
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 30 set. 2015.

As imagens representam verdadeiramente a realidade? É possível interferir nas imagens? E na vida real, como podemos interferir nas situações colocadas pelas imagens?

As indagações geraram debates e muita reflexão sobre as opiniões e imagens apresentadas. Em seguida, a proposta, tendo como base uma exposição do *Foto15*, era fazer intervenções em fotografias já impressas. Para isso, os participantes selecionaram imagens de revistas e usaram diversos materiais como cola, fita, papéis variados, tesoura e outros. Para encerrar, cada um apresentou seu trabalho e falou das escolhas para interferir na imagem.

Imagem 8



Atividade de intervenção em imagens. Fonte: Oficina Revelando Olhares.

Imagem 9



Participantes no espaço onde foi realizada a oficina. Fonte: Oficina Revelando Olhares.

Para o último encontro outra visita foi programada. Dessa vez, a exposição tinha como tema uma pergunta inquietante *O Que Queremos para o Mundo?*. A exposição, localizada no Espaço Cultural dos Correios até o mês de novembro de 2015, tem como proposta a reflexão sobre a natureza, o cuidado com o mundo por meio de relações e experimentações poéticas. Os visitantes foram convidados a entrar em quatro cubos mágicos.

No primeiro cubo éramos chamados a viajar no mundo das sombras e cores em companhia do pássaro tsuru. Com os tsurus de origames, podíamos brincar com as sombras. No segundo cubo, através de cortinas de sons e sensações que nos reportavam à natureza podíamos criar paisagens em nossa mente e sentir como se estivéssemos numa floresta, com vento, riacho, cantos de pássaros e sons de vários animais. Já o terceiro cubo era uma explosão de cores. Vários tubos com tintas e pincéis estavam disponíveis para quem desejasse se expressar. Uma bicicleta movia a tinta dos tubos para vários canos que se espalhavam pelo cubo. Uma movimentação de cores e expressões. O quarto cubo era um espaço aberto onde os visitantes eram convidados a responder o que querem para o mundo. A monitora que nos acompanhou na visita convidou-nos a responder com fotografias e desenhos. Foi o momento em que as crianças puderam se expressar livre e artisticamente. Ao final do último encontro, conversamos um pouco sobre a oficina, sobre o tempo em que passamos juntos, os aprendizados que esse tempo nos trouxe e as inquietações.

Imagem 10



Participantes no último espaço da exposição *O Que Queremos para o Mundo?*  
Fonte: Oficina Revelando Olhares.

### 3- O ENSINO/ APRENDIZAGEM DE FOTOGRAFIA E LEITURA VISUAL CONTRIBUINDO PARA CONSCIÊNCIA CRÍTICA DE MUNDO

Após a experiência dos seis encontros da Oficina *Revelando Olhares*, algumas percepções acerca do ensino de artes visuais em ambientes não formais de ensino, sobretudo do ensino/ aprendizagem de fotografia e leitura visual, escolhida para esta pesquisa, foram ressaltadas como contribuições importantes da prática artística com o respectivo público. Os dados que apresento neste espaço foram coletados a partir da própria vivência dos encontros, das anotações, gravações, registros fotográficos e observações das profissionais que acompanharam a atividade, além da avaliação indireta dos próprios participantes.

A recepção da atividade foi muito positiva entre os participantes, algo que já esperávamos, devido à facilidade e interesse do público em dominar equipamentos de captura de imagem. As crianças e adolescentes cresceram junto com os avanços que a tecnologia dispôs, como a instantaneidade dos dispositivos, acabando com a espera curiosa e quase mágica que as gerações anteriores tinham em esperar os negativos voltarem da revelação. Eles também não apresentam dificuldades em lidar com essas mudanças. Perdem essa magia da espera pela fotografia, mas ganham com as inúmeras possibilidades de captura, edição e veiculação das imagens com a internet e redes sociais.

Não podemos deixar de citar que as redes sociais promoveram nos últimos anos uma acelerada no número de imagens produzidas e na superexposição delas através do compartilhamento de imagens, álbuns, etc, nessas interfaces, e que o público juvenil representa grande parte dos usuários como demonstra a pesquisa Tic Kids Brasil realizada pelo Comitê Gestor de Internet no Brasil<sup>12</sup>. A fotografia digital, que apresentamos como prática para os participantes da oficina, também contribuiu diretamente para essa multiplicação da imagem, o que acentua a característica de reprodutibilidade dessa. (TEIXEIRA, 2012, p.50). A prática de ensino/ aprendizagem

---

<sup>12</sup> Disponível em: <http://www.ebc.com.br/tecnologia/2012/10/pesquisa-tic-kids-online-brasil>. Acesso em 30 de out. de 2015.



de fotografia potencializa essa facilidade e fascínio de crianças e adolescentes pela imagem.

Todos os pontos importantes que posso destacar não se deram ao final do trabalho, mas da concepção até a avaliação e nos desdobramentos das atividades. O processo de construção dialógico foi importante para a contextualização das práticas com a realidade dos participantes, dos educadores e até mesmo do espaço em que as atividades foram realizadas. Recomendados por FREIRE (2005), os temas geradores trouxeram transversalmente várias reflexões sobre ser criança e adolescente na atualidade. Algumas questões que antes estavam planejadas na proposta da oficina ganharam com as surpresas do caminho, que na maioria das vezes eram colocadas pelos educandos.

Durante o processo podemos observar que o papel de produtor e não apenas receptor de imagens contribui para a melhoria da autoestima, ponto fraco em todos os participantes e característica comum no público das entidades que atendem crianças e adolescentes em vulnerabilidade social. Aparentemente conseguimos observar uma satisfação durante o processo de produção. Sentir-se produtivo e inserido em processos antes desconhecidos mas de interesse foi um aspecto a ser destacado. O que contribui com a elevação da autoestima e trouxe ganhos nessa fase da vida em que estão em construção ou afirmação da própria identidade. Sentir-se sujeito protagonista, exercendo uma liberdade criativa, importante para a atividade, estimula a expressão desse público que tem muito a dizer e pouco espaço. Como fala AZEVEDO a respeito de outra experiência de arte educação com a abordagem triangular semelhante à realizada na oficina *Revelando Olhares*:

Os trabalhos não são produções para algum tipo de exposição, penso que são, na realidade, a possibilidade que os jovens/estudantes tiveram de dizer o que pensam a partir de um processo arte/ educativo profundamente comprometido com o processo de transformação e de emancipação cultural e social. Esses jovens tiveram a oportunidade de dizer de suas histórias de vida, seus desafios, seus sonhos, suas singularidades e muito provavelmente, hoje, atuam na VIDA como sujeitos de direito que possuem subjetividade e alteridade (AZEVEDO, 2010, p. 97 e 98).

A segurança e respeito com as produções, entendendo que o exercício do olhar é algo que traz muito de nossa história e de quem somos e queremos ser, também propicia maior autonomia. Alguns desses aspectos já eram estimulados com dinâmicas e textos nessa oficina pelos demais profissionais. Claramente observamos que trabalhar essas questões através da arte e inseridos no mundo deles faz diferença. Os educadores costumam negar o mundo dos educandos, as informações desse mundo que eles trazem, seus hábitos, sua cultura, sobretudo o que é considerado negativo como *funk*, *rap*, etc. Tentam levá-los para um mundo onde a cultura popular é considerada menor que a erudita. Talvez esteja aí uma questão a ser pensada pelos educadores e a razão para o insucesso de muitas propostas. Principalmente no campo do ensino de artes visuais que deveria apresentar a pluralidade cultural do país como um rico diferencial. BARBOSA critica a desvalorização da diversidade de códigos culturais:

A Educação poderia ser o mais eficiente caminho para estimular a consciência cultural do indivíduo, começando pelo reconhecimento e apreciação da cultural local. Contudo, a educação formal no Terceiro Mundo Ocidental foi completamente dominada pelos códigos culturais europeus e, mais recentemente, pelo código cultural norte-americano branco. A cultura indígena só é tolerada na escola sob forma de folclore, de curiosidade e esoterismo; sempre como uma cultura de segunda categoria. [...] No que diz respeito à cultura local, pode-se constatar que apenas o nível erudito desta cultura é admitido na escola. As culturas de classes sociais baixas continuam a ser ignoradas pelas instituições educacionais, mesmo pelos que estão envolvidos na educação destas classes. Nós aprendemos com Paulo Freire a rejeitar a segregação cultural na educação. As décadas de luta para salvar os oprimidos da ignorância sobre eles próprios nos ensinaram que uma educação libertária terá sucesso só quando os participantes no processo educacional forem capazes de identificar seu ego cultural e se orgulharem dele (BARBOSA, 2005)<sup>13</sup>.

Nesse sentido a Abordagem Triangular só enriqueceu o processo. A contextualização das atividades, o fazer e o ver se deram sem muitas dificuldades.

---

<sup>13</sup> Idem 2.

Seguindo o que direciona BARBOSA (2005) para desenvolver a leitura visual, a valorização e compreensão de outros olhares e o acesso a espaços de arte e cultura, o ver foi estimulado com visitas a exposições fotográficas. Durante as visitas outros aspectos que podemos destacar é a ausência deste público, crianças e adolescentes de classes sociais menos favorecidas e residentes em regiões periféricas da cidade, nestes espaços. Alguns dos participantes nunca tinham visitado um museu ou um centro dedicado a cultura e arte, nem mesmo com as escolas. As fotografias expostas promoveram um encontro de olhares diversos e uma experiência cultural única.

Os educandos puderam ver na prática a utilização de alguns recursos fotográficos partilhados no espaço da oficina sendo utilizado pelos artistas. As exposições visitadas promoveram uma interatividade com o público e despertaram a percepção das cores, composição, luz e contextos sociais retratados nas propostas. Nessa perspectiva TEIXEIRA fala do desafio de fotografar:

Perceber em meio ao fluxo constante de tempo/ espaço é desafiador. A vida acontece sempre na passagem desses dois elementos. Ao estancar o processo sob a forma de uma foto, é dada à mente do observador a oportunidade de elaborar aquilo que vê de uma perspectiva menos vertiginosa. Ver através de fotos é possibilitar a experiência através do domínio do tempo/ espaço. Ou, pelo menos, ter a sensação fugidia de controle dessas coordenadas para poder aferir a realidade em um ritmo mais confortável com a consciência interna (TEIXEIRA, 2012, p.52).

Além desses aspectos apresentados no parágrafo anterior, ao promover o acesso à esses espaços contribuímos, segundo COVRE (1991, p. 16), para o exercício da cidadania e a relação desse público com a sua cidade e identidade cultural. Outro fator importante propiciado pela estimulação da leitura visual a partir das imagens e que vai ao encontro da promoção da cidadania é a tomada de consciência crítica da realidade. E a valorização do outro e do seu olhar, bem como dos personagens reais enquadrados pelas lentes dos fotógrafos, como povos tradicionais, indígenas e quilombolas, temas de algumas exposições.

O conhecimento técnico partilhado nos encontros entre educadores e educandos, como enquadramento, a importância da luz para a fotografia, as cores, a composição, perspectiva, foco entre outros, fizeram com que os participantes desfizessem alguns mitos da imagem. Eles puderam verificar que as fotografias são representações da realidade, mas que podem ser manipuladas de acordo com as definições, relações e intenções de quem domina o aparelho (FLUSSER, 1985).

Em uma mostra que compôs o *Foto15* a artista fazia suas interferências nas fotografias após a revelação, com os trabalhos já prontos. Uma atividade semelhante foi proposta em um encontro para que os participantes pudessem comprovar que é possível interferir positiva, negativa e propositalmente na construção e composição das imagens de acordo com o olhar e das relações de quem fotografa. Anterior e posterior à revelação a exemplo da artista. Refletimos sobre a nossa interferência efetiva na realidade a partir de imagens que retratam desigualdades, situações de injustiças e exclusão. Essa reflexão também colabora com a prática da cidadania. Através da leitura crítica de mundo e da sensibilização do olhar com a prática fotográfica, podemos propor e efetivar transformações na sociedade tornando-nos sujeitos dessas mudanças em favor do exercício da nossa cidadania e a de outras pessoas. Nessa direção BARBOSA avalia:

Não é só incluindo arte no curriculum que a mágica de favorecer o crescimento individual e o comportamento de cidadão como construtor de sua própria nação acontece. [...] é também necessário se preocupar como a arte é concebida e ensinada. [...] A anemia teórica domina a arte-educação que está fracassando na sua missão de favorecer o conhecimento nas e sobre artes visuais, organizado de forma a relacionar produção artística com apreciação estética e informação histórica. [...] O conhecimento das artes tem lugar na interseção da experimentação, decodificação e informação (BARBOSA, 2005).<sup>14</sup>

Como propõe FREIRE (2005) os encontros foram espaços de aprendizado mútuo e de socialização desse aprendizado e dos sujeitos envolvidos no processo. Esses espaços favorecem e fortalecem questões importantes para a construção e/ ou

---

<sup>14</sup> Idem 2.

afirmação da identidade das crianças e adolescentes, uma vez que é proporcionado através do ensino/aprendizagem de fotografia e exercício de leitura visual o protagonismo infanto-juvenil. O público sai da passividade e começa a expressar artisticamente sua visão de mundo, seus valores, anseios e questionamentos. Ser protagonista do próprio olhar é deixar de lado uma visão imposta pelos meios de comunicação e outras formas impositivas da sociedade e enxergar além. Esse protagonismo e ação dos sujeitos é parte importante no exercício da cidadania como reforça SILVA:

Esta 'ação dos sujeitos' está nestes deveres do cidadão do compromisso com o coletivo e ser o fomentador de seus direitos. Por isto para Covre, a 'efetivação da cidadania dependa da ação dos subalternos', ou seja, depende da luta por seus direitos. A cidadania hoje está em construção, com espaço aberto para seu exercício, cabe aos sujeitos construir o possível neste espaço e lutar por melhorias (SILVA, 2009, p. 6).<sup>15</sup>

Como já mencionado anteriormente, esses jovens de periferia, de classes menos favorecidas, figuram na maioria das vezes na mídia negativamente, protagonizando cenas reais de violência e criminalidade. Como essas cenas são veiculadas massivamente há uma contribuição direta para que crianças e adolescentes em vulnerabilidade social e pobres desconstruam sua própria identidade e acreditem que as cenas negativas sejam as únicas possibilidades de vida para quem mora nas periferias das cidades. Vivemos numa sociedade em que a imagem impera, precisamos divulgar massivamente imagens que desconstruam essas verdades criadas pela mídia e incorporadas em nosso inconsciente como verdades absolutas. Dessa forma, o ensino/ aprendizagem de fotografia e outras práticas imagéticas, o protagonismo infanto-juvenil em experiências artísticas que colaborem para uma consciência e sensibilidade crítica do olhar podem contribuir efetivamente para essa transformação.

---

<sup>15</sup> Idem 1.

### 3.1 – Os desafios para o Ensino de Artes Visuais

No caminho que percorremos desde a concepção até a finalização e desdobramentos da oficina *Revelando Olhares* destacamos alguns apontamentos que merecem mais atenção e que se apresentam como desafios não só para o ensino/ aprendizagem de fotografia, mas para o ensino de artes visuais como um todo. Vamos aqui destacar alguns.

Podemos observar que a maioria dos participantes tem interesse em apreciar imagens, mas não são atentos a detalhes e tendem a perpetuar uma credibilidade das imagens midiáticas, sobretudo das publicitárias, verdadeiras imagens de sedução para esse público que tem um consumismo exacerbado. Consumismo esse que gera conflitos com o núcleo familiar, pois as condições financeiras não condizem com os desejos. SCHÜTZ – FOERSTE critica o uso exacerbado das imagens para o consumo:

Compreende-se que a quantidade e a diversidade de imagens recebidas não têm representado um domínio efetivo dos processos de produção e de comunicação. O volume de mensagens muitas vezes serve para obliterar a visão e formar um senso comum médio, bem como um gosto comum médio, colocado a serviço da máquina de consumo, que hoje move a sociedade capitalista (JAMESON, 1995 apud SCHÜTZ – FOERSTE, 2010, p. 102).

Além disso, outro conflito que interfere diretamente na afirmação da identidade desse público é a prática de santificar questões estéticas, os estereótipos de beleza apresentados nas imagens. Tendem a perseguir esses modelos de beleza e sucesso que aparecem e a desvalorizar a diversidade do povo brasileiro. Com isso têm dificuldades de lidar com a própria imagem, sobretudo as meninas. Notamos que algumas queriam somente ficar por de trás das câmeras, não deixavam ser fotografadas em nenhum momento e sempre repetiam que odiavam vê-las. Isso porque as imagens midiáticas não valorizam os vários tipos de beleza, como a negra e indígena.

Como lança TEIXEIRA (2012, p.52), a fotografia está sob a perspectiva do capitalismo industrial. Assim observamos que os participantes estavam acostumados a visualizarem somente imagens publicitárias do que imagens artísticas, de fotojornalismo ou de outras origens que não são apreciadas por eles. Não que não tenham interesse, mas não têm acesso, ou simplesmente não veem, não são estimulados a olharem para esse tipo de imagem. Nas visitas às exposições eles demonstraram muito interesse nessas imagens e certa novidade do contato com imagens artísticas. Uma mostra que trazia fotografias de idosas como modelos e em poses sensuais prendeu olhares por muito tempo e originou algumas opiniões. Será que elas não sentiram vergonha? Nossa que coragem! Até que elas são bem bonitas! Será que os filhos e maridos não se importaram? Isso devido à tamanha estranheza e certo preconceito em ver mulheres mais velhas nesse papel, o que não é comum nas imagens midiáticas.

Constatamos com isso que é necessário estímulo para ver a diversidade de imagens e a sua pluralidade. Acreditamos que os espaços formais e não formais de aprendizagem de artes visuais possam contribuir promovendo maior contato com outras imagens e uma leitura visual crítica de todos os tipos de imagem sem valores preestabelecidos. Com a prática da leitura visual, os próprios adolescentes poderão compreender a mensagem que as imagens trazem com ela. Exercitar a leitura da linguagem visual é extremamente importante na prática de uma educação para a liberdade. Esse exercício pode tirar o público da dominação econômica, do consumismo e de outras amarras. Sobre o processo pedagógico de libertação FREIRE prevê:

A pedagogia do oprimido como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (FREIRE, 2005, p. 46).

O Ver e o Contextualizar se apresentaram como maior dificuldade durante as oficinas. O que intensificou a necessidade de que o ensino de artes visuais promova essa reflexão e saia do tecnicismo. Podemos perceber pelas falas que traziam durante os encontros, que não são estimulados nas aulas de Arte para pensar e refletir sobre o fazer e nem mesmo para o ver. As atividades não são contextualizadas, apenas seguem calendário de datas comemorativas e não estimulam leitura visual e crítica dos trabalhos. Muitos relataram não gostar das aulas de Arte nas escolas e inicialmente não compreenderam que a oficina tratava de uma temática de artes visuais. Não conseguiram fazer essa ligação num primeiro momento.

Durante o processo, muitas vezes, tivemos que pesquisar para sanar as dúvidas que apareceram no caminho. Ser educador é estar em movimento constante de aprendizagem e partilha, educar se educando. AZEVEDO (2010, p. 86) complementa que *“O sistema triangular, pelo fato de possibilitar o acesso ao universo da Arte, como direito de todos, promove a emancipação e rompe com a ‘cultura do silêncio’ denunciada por Paulo Freire.”*

O ensino tecnicista e descontextualizado acarreta uma deficiência crítica e o analfabetismo visual. Fatores de risco para viver em sociedade na atualidade e que verificamos na experiência dos encontros. Como acena FREIRE (2005) essa vulnerabilidade nos torna peças fáceis de ser manipuladas e de perpetuação da dominação.

Além disso, contribuem para uma carência cultural, pois a ausência de contato com a diversidade de artistas e trabalhos acarreta uma segregação cultural e a falta de identificação com uma cultura nacional. Aspecto que merece ser destacado na observação da oficina. As crianças e adolescentes não têm acesso, por falta de informação, a outras manifestações artísticas e culturais que não estão presentes em seu contexto. Enriquecer-se culturalmente da diversidade de manifestações artísticas é empoderar-se, sair da condição de dominado. Essa segregação faz com que guetos culturais se formem e se perpetuem. Assim perpetuam com eles a exclusão social e cultural, a valorização da cultura elitista, presa em museus, em detrimento da cultura popular vista nas periferias.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência da oficina *Revelando Olhares* teve tempo determinado, mas apresentou desde o planejamento a sua finalização pontos que merecem ser ressaltados. Entre eles podemos destacar a oportunidade de estabelecer uma nova relação com o ensino/ aprendizagem de artes visuais e com as imagens, pois sabemos que muito do conteúdo imagético a que somos expostos não é filtrado com uma leitura crítica do sujeito.

Os participantes da oficina trouxeram relatos que reforçam o desinteresse pelo ensino de artes decorrente de um ensino tecnicista nas escolas e da falta de preparo dos profissionais para aproximar a arte do contexto dos educandos. Falta de preparo também presente nos ambientes não formais de educação que reproduzem o caráter alegórico dado ao ensino de arte. Dessa forma, como acena OLIVEIRA (2010, p. 46 - 47), se faz necessário uma constante formação do arte educador, uma formação não só de inserção de grade curricular nos cursos de artes, mas uma formação permanente que entrelace conteúdo histórico e político.

A competência do educador também contribui para que os educandos apreendam autoconfiança no processo de aprendizagem, autoconfiança que é extremamente importante para a construção/ afirmação da identidade dessas crianças e adolescentes. CARVALHO e CAROLINO concluem:

A competência é fundamental para que eles alcancem as transformações almejadas, pois somente quando os educandos passam a manejar bem os elementos construtivos das artes visuais, a conseguir expressar suas ideias com competência, tornam-se mais autoconfiantes. É a autoconfiança que vai impulsionar esses meninos e meninas a traçarem metas que possam resultar no seu desenvolvimento pessoal e na sua integração social (CARVALHO; CAROLINO, 2010, p. 362-364).

A Proposta da Abordagem Triangular oferece possibilidades tanto para o educador quanto para o educando. É eficaz para os trabalhos nos ambientes formais ou não

formais de educação por aproximar educador e educando e favorecer o processo dialógico defendido por FREIRE (2005).

A Organização escolhida para a execução da oficina, assim como a maioria das organizações do terceiro setor, tem como missão favorecer o exercício da cidadania de crianças, adolescentes e seus familiares em vulnerabilidade social e econômica. Sendo assim, inserir a prática artística no contexto social e econômico do participante contribui para a efetivação da cidadania entendida como promoção e acesso a direitos como a arte e cultura do país e desenvolvimento crítico. Sobre a contextualização da atividade artística, CARVALHO e CAROLINO afirmam:

Sendo orientada para o saber interpretativo, promove a prática do diálogo e possibilita aos educandos desenvolverem a compreensão acerca do mundo e de si mesmos, fatores que os levam a interpretar sua própria realidade e se posicionar criticamente diante dela com vistas a transformá-la (CARVALHO; CAROLINO, 2010, p. 362).

Vale aqui frisar outros ganhos observados no processo. A percepção de signos e códigos presentes nas imagens foi apurada com o exercício de leitura visual. O receptor que não tem essa habilidade apurada ou não consegue compreender as mensagens da linguagem visual ou compreende a mensagem pela metade. Um risco que torna os receptores vulneráveis a interpretação de terceiros.

No processo foi possível alertar os participantes para repensar o papel determinante das imagens em nossa vida diária. Na maioria das vezes, não somos levados a valorizar as diferenças e com isso aceitamos facilmente os estereótipos de beleza, o consumismo e um engrandecimento da cultura estrangeira, sobretudo norte-americana, em detrimento a cultura e arte nacionais. Tornamos-nos escravos das imagens midiáticas, o que nos impede de aceitar a nossa própria imagem. Fator importante para a fase da vida que os participantes da oficina estão vivendo.

O processo também propiciou amplitude e criticidade do olhar, desenvolvimento de habilidades profissionais, o que permite a construção de um caminho cheio de perspectivas. Destacamos também o desenvolvimento da criatividade, qualidade

valorizada em nossa sociedade e que permite ao participante ousar e produzir conteúdo artístico. Com as visitas que a oficina promoveu, os participantes puderam acessar espaços de arte importantes para a cultura da cidade e desconhecidos por eles, seja por falta de informação seja por falta de interesse. Interesse esse que é despertado quando a prática artística mostra oportunidades, se faz democrática e contextualizada. Eles perceberam que é necessário se fazer presente nestes espaços e que isso é exercer a cidadania, é direito de todos e todas.

A vivência dos encontros foi agradável e trouxe várias questões conflituosas que merecem ser trabalhadas nos outros atendimentos que os envolvidos participam na instituição. Mais que isso, foi relevante a liberdade que os sujeitos tiveram para, através e com as atividades artísticas, interação com os demais e identificação ou não com as imagens, expressar suas aflições, alegrias e sonhos.

## REFERÊNCIAS

AMIN, Igor. *O QUE QUEREMOS PARA O MUNDO?* (Exposição). Juiz de Fora, MG. 2015. Centro Cultural dos Correios.

AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves de. *Abordagem Triangular: bússola para os navegantes destemidos dos mares da arte/ educação*. In: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da; (Orgs.). *A Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

BARBOSA, Ana Mae, *A Imagem no Ensino da Arte*. São Paulo, SP. Ed. Perspectiva, 9ª edição. 2014.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da; (Orgs.). *A Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. *Arte, Educação e Cultura*. Ministério das Relações Exteriores. Disponível em: <http://dc.itamaraty.gov.br/imagens-e-textos/revista7-mat5.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2015.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília, 1991.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf>. Acesso em: 30 de set. 2015.

BREDARIOLLI, Rita. *Choque e Formação: sobre a origem de uma proposta para o ensino de arte*. In: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da; (Orgs.). *A Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

CARVALHO, Livia Marques; CAROLINO, Jaqueline Alves. *Abordagem Triangular e as Estratégias de um Educador Social*. In: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da; (Orgs.). *A Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

COELHO, Luis Moraes; AZEVEDO, Patrícia; BAPTISTA, Paulo. *Fotografia e tecnologias contemporâneas*. Belo Horizonte, MG: V. 2, 2007. Disponível em: [https://virtual.ufmg.br/20142/pluginfile.php/194598/mod\\_resource/content/1/Apostila\\_Fotografia.pdf](https://virtual.ufmg.br/20142/pluginfile.php/194598/mod_resource/content/1/Apostila_Fotografia.pdf). Acesso em: 18 jun. 2015.

COVRE, Maria de Lourdes Manzini. *O que é Cidadania*. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1991.

ECOPIXBRASIL. *História da Fotografia*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4cSMG5XAq7c>. Acesso em: 21 de jul. 2015.

FARIA, Jéssica. *Passagem*. (Exposição). Juiz de Fora, MG. 2015. Centro Cultural Bernardo Mascarenhas.

FLUSSER, Vilém. ***Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia***. São Paulo, SP: Editora Hucitec. 1985

FREIRE, Paulo. ***Pedagogia do Oprimido***. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra, 43ª edição. 2005

FUNALFA. *Foto15*. (Exposição). Juiz de Fora, MG. 2015. Centro Cultural Bernardo Mascarenhas.

MACHADO, Regina Stela. ***Sobre Mapas e Bússolas: apontamentos a respeito da abordagem triangular***. In: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da; (Orgs.). *A Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

MANUAL DO MUNDO. ***Câmera fotográfica pinhole de lata (experiência de física) - How to make pinhole camera***. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xt3Cdq0qOns>. Acesso em: 23 jul. 2015.

MATSUKI, Edgard. ***Pesquisa mostra como os adolescentes usam internet no Brasil***. Portal EBC, 2 out. 2012. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/tecnologia/2012/10/pesquisa-tic-kids-online-brasil>. Acesso em: 30 out. 2015.

MORAIS, Janaína. *Foto Fragrante*. (Exposição). Juiz de Fora, MG. 2015. Centro Cultural Bernardo Mascarenhas.

OLIVEIRA, Mirtes Marins de. ***História como estratégia: uma apropriação da abordagem triangular para uma educação não conformista***. In: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da; (Orgs.). *A Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

SCHÜTZ – FOERSTE, Gerda Margit. ***Imagem no Ensino da Arte em Novas e/ ou Velhas perguntas***. In: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da; (Orgs.). *A Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Priscila Kalinke. ***A fotografia como recurso na educação para a cidadania***. Guarapuava, PR: 2009. Disponível em: [http://www.unicentro.br/redemc/2009/03%20midia\\_cidada\\_paper\\_kalink.pdf](http://www.unicentro.br/redemc/2009/03%20midia_cidada_paper_kalink.pdf). Acesso em: 15 jun. 2015.

TEIXEIRA, Henrique Augusto Nunes. ***Fotografia: campo expandido para o ensino de arte***. 2012. 219 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/JSSS-92EN6W>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

## **ANEXO**

### **OFICINA REVELANDO OLHARES - FOTOGRAFIA E CIDADANIA LENDO IMAGENS PARA A CONSTRUÇÃO/ AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE E CONSCIENTIZAÇÃO DE DIREITOS**

#### **1 – O QUE É**

Espaço de ensino/aprendizagem de fotografia e discussões acerca das leituras visuais em nossa sociedade. Serão compartilhados conceitos básicos da arte e contextualização da realidade vivenciada pelo participante. Temas como direito, cidadania e identidade serão trabalhados. Os resultados da oficina serão analisados em um trabalho de conclusão de pós-graduação, sendo garantidos os direitos de imagem e o sigilo dos dados dos participantes.

#### **2- PERÍODO DE EXECUÇÃO**

A oficina será realizada uma vez por semana totalizando cinco encontros, de 10 de agosto a 16 de setembro.

#### **3- JUSTIFICATIVA**

A fotografia pode contribuir para a construção de um olhar crítico sobre as situações de desigualdade e exclusão da sociedade, além de oferecer outro olhar, mostrar e despertar o protagonismo positivo de crianças e adolescentes. A fotografia é uma prática artística que dialoga com o cotidiano de crianças e adolescentes

mergulhados em uma sociedade da imagem. Outro fator a ser destacado é o interesse do público em dominar atividades que envolvam tecnologia e se sentirem produtores nesse processo.

#### **4- OBJETIVOS**

Propiciar práticas de ensino/ aprendizagem de fotografia e leitura de imagens do cotidiano contribuindo para um desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes, visando o exercício da cidadania, a efetivação de direitos e a afirmação e ou construção da identidade.

#### **5 - PÚBLICO ALVO E FAIXA ETÁRIA**

Crianças e adolescentes, maiores que 8 anos, atendidos na instituição.

#### **6 - METODOLOGIA/OPERACIONALIZAÇÃO**

Cada grupo será composto por no mínimo quatro e no máximo dez crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Para cada encontro será construído um plano de trabalho levando em conta o público e as adequações necessárias ao espaço e possibilidades. Os planos de trabalho serão apoiados na metodologia da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, muito utilizada nos processos de ensino/ aprendizagem em artes visuais: fazer, apreciar e contextualizar. Nesses encontros a temática será a prática artística da fotografia, seus conceitos básicos, técnicas e leitura visual. Serão trabalhados

transversalmente temas inerentes ao exercício da cidadania e afirmação da identidade em diversas áreas.

Em todos os encontros serão utilizados materiais disponíveis na instituição e de fácil acessibilidade, além da, quando houver possibilidade e ou necessidade, utilização de dispositivos de imagens dos próprios usuários.

## **7 - CRONOGRAMA:**

1º encontro: Eu Imagem - Conversa sobre fotografia e imagens do cotidiano;

2º encontro: Desvendando o Mistério da Caixa Preta - Conceitos básicos de fotografia e das tecnologias envolvidas, história da fotografia e curiosidades da prática artística;

3º encontro: Vivenciando - prática de fotografia interna e externa;

4º encontro: Vivenciando - prática de fotografia interna e externa – Visita Foto15;

5º encontro: Revelando olhares - Apreciação e contextualização dos registros fotográficos;

6º encontro: Vivenciando - prática de fotografia interna e externa – Visita a uma exposição.

Caso seja necessário mais um encontro prático será programado. No 4º encontro a prática pode ser externa, de acordo com a possibilidade. Os trabalhos produzidos na oficina serão expostos em algum espaço da instituição para apreciação de maior público. Além disso, cada usuário levará um trabalho produzido nas práticas da oficina.

## **8 – META**

Fomentar iniciação de prática artística de fotografia, construção de novos olhares e compreensão de imagens, a fim de despertar consciência de direitos, cidadania e identidade em crianças e adolescentes.



## 9 - AVALIAÇÃO

A avaliação será feita durante todo o período de execução do projeto e após, através de critérios qualitativos, destacando-se:

- Avaliação da oficina pelos próprios participantes, durante as atividades e ao final de cada encontro, através de dinâmicas de avaliação e observação.
- Avaliação do nível de conhecimento e novas habilidades adquiridas pelos participantes e de aquisições emocionais, sociais e comportamentais (autoestima, expressão verbal, interação social, participação, etc) através de observações e entrevistas com os próprios participantes.
- Avaliação do impacto da oficina nas crianças e adolescentes atendidos através da observação dos profissionais, que será compartilhada e discutida.
- Observação de comportamentos verbais e não verbais, participação e envolvimento dos participantes nas atividades realizadas.

### **Profissional responsável pela elaboração e desenvolvimento da oficina:**

- Nome: Bianca Aparecida Lage Barra
- Formação profissional: Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo (MTB 17.994) e Pós-graduanda em Ensino de Artes Visuais pela UFMG (conclusão em 2015)
- Contato: 32 8821-8469 | biacomunica@yahoo.com.br